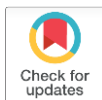


10ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, Rio de Janeiro, 2022



Eneida Maria Souza Mendonça^{ID}

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo,
Vitória, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: eneidamendonca@gmail.com.

Submetido em 30 de dezembro de 2022. Aceito em 31 de dezembro de 2022.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v10i2.281>

Com expectativas renovadas segue o relato das atividades realizadas na 10ª Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana – Portuguese-language Network of Urban Morphology – PNUM 2022 – entre 29 de novembro e 1 de dezembro de 2022, coordenada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a liderança de Vera Regina Tângari, cuja experiência profissional possibilitou a agregação de ampla parceria institucional e numerosa equipe organizadora.

Com sede no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro – CRAB –, na Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro, as atividades tiveram início com a caminhada guiada por ruas do entorno, a partir de estimulante roteiro, propiciando aos participantes do evento a apreciação de espaços livres, arquitetura e forma urbana relacionados historicamente ao contexto político e cultural da cidade e do país.

A décima edição da conferência PNUM lançou “Desafios para as formas urbanas do século XXI” como tema geral, desdobrado em quatro eixos temáticos: Eixo 1 – “Formas urbanas e regime climático: estratégias e escalas de abordagem”, Eixo 2 – “Formas urbanas e processos: políticas, redes e cartografias”, Eixo 3 – “Formas urbanas e paisagens: patrimônios, apropriações e manifestações culturais” e Eixo 4 – “Formas urbanas e educação: vertentes, práticas e aplicações”.

Seguindo o tema geral e os respectivos eixos, os trabalhos inscritos na conferência passaram por prévia seleção de comitê científico, cujo destaque é a ampla abrangência nacional, contando também com pesquisadores de instituições estrangeiras. Os trabalhos

selecionados foram apresentados em 16 sessões paralelas e demonstraram a diversidade da forma urbana no contexto macrorregional brasileiro, sendo marcante o caráter inclusivo da seleção, ao revelar jovens pesquisadores graduandos lado a lado a elenco experiente. A inclusão foi marcada também pelo caráter híbrido do evento, organizado de modo a assimilar apresentação e debate de trabalhos tanto de forma presencial, quanto virtual. A maior parte dos trabalhos apresentados e debatidos é de autoria de pesquisadores brasileiros, observando-se também a presença de autores estrangeiros, especialmente vinculados a instituições portuguesas. Propiciando a consulta e continuidade de estudos, esses trabalhos encontram-se publicados em forma de resumo expandido no endereço eletrônico do PNUM 2022

(<https://pnum2022rj.wixsite.com/riodejaneiro/cadernosumos>).

A sessão de abertura assumiu importante papel na conferência apresentando o tom dos desafios propostos no tema geral desse PNUM. Frederico Holanda, da Universidade de Brasília, tratando de “Artefatos como sociedade, sociedade como artefato”, percorreu seus estudos e suas experiências profissionais de décadas, culminando na reflexão sobre a evolução da forma urbana e a importância da participação da sociedade no processo. Vitor Oliveira, da Universidade do Porto, abordando “Teorias, conceitos e métodos morfológicos para analisar e desenhar as formas urbanas do século XXI”, apresentou a importante contribuição dos estudos clássicos e as diversas vertentes e escolas sobre o tema, como contributo à identificação dos processos de transformação da forma urbana ao longo do tempo, base para

o projeto e planejamento futuro. O destaque de Oliveira para estudos de valorização do comum sobre o edifício singular conecta sua abordagem à de Holanda, que realçou a ação da sociedade sobre a forma urbana como atitude legítima de projeto.

As quatro mesas redondas, acompanhando os eixos temáticos propostos, tiveram caráter inovador na estrutura das conferências PNUM e permitiram associar a forma urbana aos impasses contemporâneos, como a crise climática que alcança escala planetária e a invisibilidade cultural do negro no Brasil.

Na mesa redonda 1, Ana Luiza Coelho Neto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tratou dos “Extremos climáticos e multi-riscos: desafios ao planejamento urbano e regional” apontando a importância do estudo geomorfológico. Sua abordagem alerta para os constantes deslizamentos e inundações, o processo de ocupação de encostas e margens de cursos d’água e estabelece a crítica ao poder público, que a despeito das consequências verificadas, ainda adota sistema de drenagem com estreitamento e canalização de rios. O enfoque contribui para o enfrentamento dos riscos simultâneos, chamando a atenção para o caráter socioespacial dos eventos, alertando com isso, para a urgência da desnaturalização do debate. Composto a mesa, Paulo Harkot, da Universidade Federal Fluminense, por sua vez, abordou a “Alteração do comportamento da temperatura na Terra e impactos no oceano, continentes e ambientes urbanos”, partindo da formação do Universo para tratar do aumento gradativo da temperatura e do nível da água em escala mundial. Sua abordagem é crítica em relação às obras costeiras que geram, como consequência, a erosão, e ao processo de assoreamento de canais e corpos d’água em geral, alertando para o aumento de incerteza a respeito da manutenção do sistema hidrológico no âmbito planetário.

Na mesa redonda 2, Felipe Mandarino, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em “Reviver Centro: o uso da cartografia e do geoprocessamento na política de revitalização da Área Central do Rio de Janeiro”, apresentou o sistema municipal de informações urbanas da capital fluminense. Seu enfoque destacou o potencial do sistema para armazenamento e articulação de dados

fundamentais à formulação, monitoramento e execução de políticas públicas. Na mesma mesa, Giselle Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao tratar de “Infâncias, participação social e políticas públicas: cartografias afetivas e o direito à cidade”, atribuiu importância cidadã à criança. Sua abordagem multiescalar, multi metodológica e transdisciplinar converge para a elaboração de uma cartografia do sensível, coletiva e afetiva, a partir de atividades realizadas junto a crianças da rede municipal de ensino no Rio de Janeiro. Trata-se de projeto em desenvolvimento há alguns anos, apontando para a importância do potencial do público infantil como contribuição à formulação de políticas, e em especial, as relacionadas ao ambiente urbano.

Na mesa redonda 3, Rita Montezuma, da Universidade Federal Fluminense, construiu importante enfoque “Sobre paisagens e patrimônios: reflexões sobre a invisibilização do legado negro no Brasil”, recuperando historicamente o contexto de tráfico de pessoas do continente africano para serem escravizadas no Brasil, a fim de viabilizar a economia e a urbanidade nos períodos colonial e imperial. Sua abordagem, voltada para o Rio de Janeiro, clama para a importância da humanização da paisagem a partir de um letramento sobre as questões raciais, que permita interpretar e valorizar a participação da população negra no patrimônio territorial. A mesa teve continuidade com Doriane Azevedo, da Universidade Federal do Mato Grosso, apresentando “Percurso cartográfico na apreensão da Paisagem cultural de Cuiabá/MT”, associando processos de pesquisa e extensão em desenvolvimento pelo Grupo Épura, por ela liderado. Sua abordagem demonstra possibilidades de associação entre atividades acadêmicas e políticas públicas, a partir de um abrangente panorama das atividades do grupo envolvendo múltiplas escalas, diferentes temas e estratos diversos da população.

Na mesa redonda 4, Karin Schwabe Meneguetti, da Universidade Estadual de Maringá, tratou de “Morfologia como meio, paisagem como fim”, apresentando de modo cronológico a estruturação de conceitos das escolas de morfologia urbana e a respectiva aplicação para efeito de ensino, pesquisa e

projeto. Sua abordagem indica a preocupação com o processo de ocupação de espaços livres em áreas de expansão urbana e ao mesmo tempo, a possibilidade de planejamento pelo monitoramento da forma urbana nestas áreas e proposição de infraestrutura verde em forma sistêmica. Na sequência, Jonathas Magalhães Pereira da Silva, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tratou do “Ensino da Morfologia a partir do Desenho como Forma e Processo”, com enfoque na introdução ao ensino de paisagismo na graduação de Arquitetura e Urbanismo. Sua abordagem pautada na própria habilidade gráfica apresenta procedimentos propositivos de ensino, em ordem evolutiva, demonstrando a possibilidade de conduzir o estudante iniciante desde a compreensão do espaço, passando pela identificação e reconhecimento de seus elementos constitutivos, até a construção da paisagem por meio de projeto com apoio de maquete.

Compondo as atividades da conferência, cabe citar o lançamento de livros sobre temas como forma urbana, paisagem, espaços livres, urbanismo e patrimônio, o que permitiu a

conversa próxima entre autores e pesquisadores, com a possibilidade de coleta de autógrafos.

Na sessão de encerramento, deu-se a leitura da chamada Carta PNUM 2022 Rio de Janeiro, com as principais questões e contribuições abordadas na conferência sobre o estudo da forma urbana, planejamento e projeto, consolidando o legado da 10ª Conferência PNUM 2022 para a continuidade dos trabalhos desta rede lusófona.

Ao final, com efusivos aplausos, foi saudada a notícia sobre a realização da 11ª Conferência PNUM 2023, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, em Lisboa, Portugal, sob o promissor tema geral - Planejamento, Recuperação e Resiliência -, abrigando seis eixos temáticos: transição verde, transformação digital, crescimento sustentável e inclusivo, coesão social e territorial, saúde e resiliência econômica e políticas para a próxima geração, todos associados à forma urbana.

Até Lisboa e vida longa ao PNUM!

Editora responsável pela submissão: Karin Schwabe Meneguetti.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

